



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Filosofia da Educação II
Educador: João Nascimento Borges Filho**

**O Contexto Político Cultural das Ideias de Paulo Freire: Sua Concepção
de Educação Popular e Contribuições
Críticas de Seu Pensamento**

Paulo Freire é, indubitavelmente, referência obrigatória para todo estudioso em educação no Brasil de hoje. Esteja-se ou não em acordo com seu pensamento. Foi, ele, o primeiro educador a romper, nos fins dos anos 50 e no início dos anos 60, com o “*pensamento pedagógico oficial*” e por causa disso foi também o primeiro a assumir as consequências de seu ato.

Teve o mérito de ser um dos primeiros pedagogos a “dar um basta” nos modelos tradicionais à época tão presentes na prática educacional brasileira. Propusera, na prática, elaborar uma “transição” daqueles objetivando um pensamento pedagógico nacional novo, elaborado junto com os trabalhadores, ousado, crítico, radical.

Ao denunciar a “invasão cultural” de modelos de educação copiados de outros países, sobretudo dos Estados Unidos, Paulo Freire estava também anunciando o seu fim e inaugurando entre nós as possibilidades de um pensamento pedagógico autônomo.

Para Paulo Freire, a educação torna-se um pensamento da experiência dialética total da humanização dos homens, com igual participação dialógica tanto do educador como do educando.

Compreende que as classes médias estão constantemente em busca de ascensão social e para isso apoiam-se nas elites. Daí conceber que a solução para a transformação da sociedade opressora esteja diretamente nas mãos das massas populares, conscientes e organizadas.



O nordeste brasileiro da década de 50 e início da década de 60 foi o “ambiente histórico-político”, no qual as ideias de Paulo Freire se formaram e desenvolveram: o período da crise política iniciado com a revolução de 30 e encerrado com o golpe militar de 1964.

Com efeito, concebe que a alfabetização pode ser um passo importante nessa estratégia de subversão. Por isso o grande interesse das elites em criarem dificuldades e obstáculos à conscientização, mobilização e organização das massas populares.

Explicita o educador que o pensamento pedagógico nutre-se da prática dos educadores ao mesmo tempo em que também a “*ilumina*”. Afirmar que a prática de pensar é a melhor forma de aprender corretamente. Essa prática é em primeiro lugar, a própria prática do educador que pensa teoria, mas é também a prática coletiva dos educadores.

Em se tratando da questão de rigorosidade, Paulo Freire afirma que o rigor não é universal, mas que universal é a necessidade de ser rigoroso. O rigor é um desejo de saber, de conhecer, de ir em busca de respostas. Seria, pois, um método crítico de aprender.

A complexidade e a dimensão universal da obra “freireana” sofrerá influências as mais diversas, senão, vejamos: seu pensamento humanista inspirou-se no personalismo de Emmanuel Mounier, bem como o existencialismo, na fenomenologia e no marxismo.

Nota-se que a contribuição (o legado) de Paulo Freire não poderá jamais ser reduzida apenas à Educação Popular e à alfabetização de Adultos. (Suas contribuições foram enriquecendo-se a partir de suas atividades no ISEB - Instituto de Estudos Brasileiro), no MCP - Movimento de Cultura Popular, posteriormente no exílio, ultrapassam seu “*método*”, situando-se num âmbito mais amplo da educação e da “*teoria do conhecimento universal*”.

Paulo Reglus Neves Freire, nome que “*nunca pegou*”. Paulo Freire nasceu aos 19 dias do mês de setembro do ano de 1921 na cidade pernambucana de Recife, Estrada do Encantamento, bairro da Casa Amarela, República dos Estados Unidos do Brasil.

Falando-se em Paulo Freire, tem-se que caracterizar que coube ao próprio a iniciativa de criação do MCP, espaço esse privilegiado para o desenvolvimento de seu processo de alfabetização, onde os temas geradores e



as programações eram feitas após consultas aos grupos. Tem-se que suas primeiras experiências remontam ao ano de 1962, em Angicos/RN, onde em 45 dias alfabetizara 300 trabalhadores rurais.

Essa experiência estendeu-se a outras cidades do nordeste e chamou a atenção do Governo Federal que resolvera oficializar o “*método*” e estendê-lo a todo o país. Em 1963 foram criados cursos de capacitação de educadores nas capitais de quase todos os Estados.

Um pouco antes disso, tinha-se a Campanha da Educação de adultos, que contava com a presença do Prof. Lourenço Filho em sua coordenação. Iniciara em 1947, no âmbito do Ministério da Educação, apresentando resultados consideráveis. Até 1950 o Prof. Lourenço Filho coordenara tais trabalhos. De 1950 a 1954 a campanha foi absorvida pela rotina administrativa, perdendo as características de um movimento de mobilização nacional.

Cabia ao ministério da Educação o financiamento das unidades de ensino instaladas na orientação dos trabalhos de alfabetização e na mobilização da opinião pública e dos governos Estaduais e Municipais em favor da campanha.

O MEB - Movimento de Educação de base foi articulado pela CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a partir de duas experiências de “educação radiofônica” realizados no nordeste pelas dioceses de Natal e Aracaju. Planejado para cinco anos (1961-65), o MEB previa já para o primeiro ano a instalação de 15 mil escolas radiofônicas. O MEB era patrocinado pelo governo federal, envolvendo a participação de funcionários federais e a cooperação de diferentes órgãos do governo (Piletti, 1988).

“O MCP foi criado no Recife/PE em maio de 1960 por um grupo de estudantes universitários, artistas e intelectuais, dentre os quais Paulo Freire. (...). O MCP era fortemente influenciado pelas ideias socialistas e cristãs e tinha como objetivo principal encontrar uma prática educacional brasileira, ligada às artes e à cultura do povo. Em suas atividades, dava-se ênfase à conscientização das massas através de programas de alfabetização de adultos e educação de base” (Lima, 1984:46).

Paulo Freire recebera convite do Presidente João Goulart para que repensasse a Alfabetização de Adultos em âmbito nacional, quando se pretendia a instalação de 20 mil “Círculos de Cultura”, para dois milhões de não



alfabetizados. Sendo que o golpe militar de 64 interrompe o esforço de superação do analfabetismo no Brasil e Paulo Freire é exilado. Vale ressaltar que o Programa Nacional de Alfabetização teve sua estruturação iniciada em julho de 1963, entretanto só foi instituído oficialmente em janeiro de 1964.

Em sendo considerado Marxista, subversivo, Paulo Freire em 1964 é perseguido, exilado, parte em seguida para o Chile. Permanecendo ali até 1969, ocasião que buscara aprofundar sua teoria educacional e amplificar sua experiência no campo de educação de adultos.

Já no exílio Paulo Freire foi aos poucos entendendo o significado do golpe militar de 1964. Para ele, havia a intervenção imperialista. Havia um projeto articulado dentro de uma nova estratégia político-econômica que visava modernizar a economia do Brasil e da América Latina, tornando-a mais apropriada aos interesses capitalistas e ao exercício de uma dominação mais sutil, moderna, técnica e científica. A própria tecnologia exportada para o Brasil sob a forma de “*assistência técnica*” era e continua a ser uma forma de sustentar essa dominação. Isso explica a importância que Paulo Freire deu, na obra imediatamente posterior a sua saída do Brasil, ao conceito de “invasão cultural” (Gadotti, 1989).

O exílio foi extremamente pedagógico para Paulo Freire. Ele começou a questionar o Brasil, a compreendê-lo melhor, a compreender o que havia feito e a melhor se preparar para fazer algo fora de seu país de origem, oferecendo sua contribuição a outro povo. Aprendeu, com as diferenças culturais, a virtude política essencial que falta ao Brasil: a tolerância principalmente com relação a outras culturas.

Em 1967, Paulo Freire esteve pela primeira vez nos Estados Unidos coordenando seminários em universidades de vários estados. Em 1969, recebeu uma carta da Universidade de Harvard, em Massachusetts, propondo-lhe dois anos de trabalho. Só aceitara convite que recebera da Suíça, mais especificamente, do Conselho Mundial das Igrejas de Genebra.

Paulo Freire em Harvard trabalhou como educador convidado do Centro de Estudos em Educação e Desenvolvimento e Mudança Social, onde deu forma definitiva ao Livro Ação Cultural para a Liberdade, contrapondo ação cultural à invasão cultural imperialista.



Em Genebra, Paulo Freire foi o consultor do Conselho Mundial das Igrejas, servindo como conselheiro educacional de Governos do Terceiro Mundo. Ocupou-se desse trabalho por dez anos. A partir de 1970, numa segunda fase de exílio (européia e africana), a teoria e a prática pedagógica de Paulo Freire ganharam dimensão internacional.

No livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire evidencia os mecanismos opressivos da educação capitalista. Inicia pela discussão da constituição histórica da consciência e sua relação dialética com a consciência dominadora. É a obra teórica mais importante de Paulo Freire, até porque cobre tudo o que ele dissera até então a respeito de educação, além de ser mais extensa. Resulta de seus cinco primeiros anos de exílio.

Justamente quando se encontrava no exílio é que Paulo Freire prepara seus livros mais conhecidos: *Educação Como Prática da Liberdade*, *Pedagogia do Oprimido*, *Ação Cultural para a Liberdade e Extensão ou Comunicação?* Retorna ao Brasil, em 1979, após 15 anos de exílio; trabalha na UNICAMP. Participa a partir daí de cursos, conferências, seminários, jornadas, de movimentos de docentes e de movimento de educação popular, bem como em constantes lutas da classe trabalhadora.

A práxis político-pedagógica de Paulo Freire é uma busca constante de viver e construir, em cada situação concreta, uma pedagogia do oprimido. Ou seja, de experimentar uma prática educativa em que se parta da realidade e do interesse daqueles com quem se trabalha, buscando-se, assim, um processo de conhecimento e instrumentação que amplie seu poder de intervenção na realidade sócio-econômico e político cultural.

As análises “freireanas” apoiam-se no pensamento dialético, na unidade entre a subjetividade e objetividade, entre passado e o futuro, entre o conhecimento anterior e o novo. Para ele, a sectarização é própria dos reacionários, enquanto que a radicalização é própria do revolucionário autêntico.

A obra de Paulo Freire é bastante expressiva e seus livros são editados em inúmeros países. É reconhecido internacionalmente por causa de suas contribuições à prática pedagógica no Terceiro Mundo. Concebe a Educação Popular como um esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares: capacitação técnico-científica.



Destaca-se que não há dúvida acerca da significativa contribuição de Paulo Freire à *Concepção Dialética da Educação*. Constituindo, assim, num marco referencial teórico decisivo à compreensão das práticas viabilizadas hoje em nível da alfabetização de crianças, jovens e adultos, Paulo Freire deverá ser estudado ao lado, por exemplo, de Jean Piaget, Vygotsky e Emília Ferreiro.

Concebe-se que a pedagogia desenvolvida por Paulo Freire adquiriu um significado incisivo no contexto do pensamento revolucionário universal, uma vez que a relação oprimido-opressor por ele brilhantemente abordada dá-se universalmente e suas teorias enriqueceram cada vez mais, à medida que participava de novas experiências nas mais diversas partes do mundo.

E, por conta de tais reconhecimentos Paulo Freire, recebera diversas homenagens e vários títulos, tanto a nível nacional como internacional. Continua a recebê-los. Dentre os quais se destaca: o Prêmio Rei Balbuíno para o desenvolvimento internacional, na Bélgica; o Prêmio UNESCO 1986 da Educação para a Paz; várias universidades condecoraram-lhe com o Prêmio Doutor Honoris Causa etc.

Paulo Freire combate incessantemente a concepção ingênua de Pedagogia que se crê motor ou alavanca da transformação social e política. Combate igualmente a concepção oposta o “pessimismo sócio-pedagógico” que consiste em dizer que a educação reproduz mecanicamente a sociedade. Evitando querelas políticas, ele tenta aprofundar e compreender o pedagógico da ação política, reconhecendo que a educação é essencialmente um ato de reconhecimento e de conscientização e que, por si só, não levará a sociedade a se libertar da opressão.

Ministrara, ao lado do Economista e Educador Martin Carnoy, um curso intensivo na Escola de Educação da Universidade de Stanford, Califórnia. É reconhecido a nível internacional como o maior educador contemporâneo e um dos mais respeitados dentre os “Educadores Libertadores” de todos os tempos.

A nível historiográfico, publicara em coautoria com Frei Beto, o livro “*Essa Escola Chamada Vida*”. Nessa obra, retoma o tema do exercício da reflexão sobre a prática, como a melhor maneira de aprender - ambos tiram lições do exílio e da prisão e relatam nesse opúsculo.



Junto com Antonio Faundez, filósofo chileno, escrevera *“Por uma Pedagogia da Pergunta”*, um diálogo em que analisa o papel do intelectual em sociedade em transformação, como o Chile de Allende, a Guiné – Bissau e a Nicarágua.

Com Gadotti e Sérgio Guimarães fez *“Pedagogia Diálogo e Conflito”*. Nesta obra abordam-se, basicamente, problemas referentes ao saber, ao poder e a questões que dizem respeito mais especificamente ao educador. Já na companhia de Ira Shor, Educador Norte – Americano, surge *“Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor”*, que é um avanço em sua produção intelectual, além de retomar questões abordadas em obras anteriores. Refere-se ao trabalho diário do professor, fonte de inúmeras contradições e conflitos.

Contara com a determinante participação de Sérgio Guimarães para a feitura de *“Sobre Educação” (02 volumes)* e, posteriormente, *“Aprendendo com a Própria História”* – relato afetuoso de sua trajetória, dos sins e nãoos que deu ao tomar na mão sua história de vida, de intelectual e de educador. Além dos países em que Paulo Freire aplicou diretamente suas ideias, muitos outros se empregaram e continuam, muito deles, empregando sua metodologia, obtendo-se resultados extremamente positivos. Nota-se que foi a partir da experiência do exílio que Paulo Freire incorpora ideias marxistas ao seu pensamento sem recusar em momento algumas temáticas cristãs.

No entender de Venício Artur de Lima, Paulo Freire *“adota a interpretação marxista de estratificação social inerente às sociedades capitalistas: em outras palavras, sua análise da contradição opressor-oprimido se baseia no conflito entre as classes dominantes e dominadas, em sua forma mais elementar. Sua teoria revolucionária da ação cultural para a liberdade implica, obviamente, a superação dialética desta contradição” (1984).*

Paulo Freire tem sido estudado amplamente, enquanto inovador revolucionário da educação de adultos, nos países do Terceiro Mundo – sobretudo na América Latina – desde a década de 60. Contudo, nos últimos anos ele tem atraído a atenção de diversas pessoas – especialmente nos Estados Unidos – que atuam em outras áreas de estudo em disciplinas tão diversas como Filosofia, Sociologia, Serviço Social, Religião e História.

Respalado em Moacir Gadotti, poder-se-ia dizer que *“depois de Paulo Freire ninguém mais pode ignorar que a educação é sempre um ato político.*



Aqueles que tentam argumentar em contrário, afirmando que o educador não pode fazer política, estão defendendo uma certa política, a política da despolitização. Pelo contrário, se a educação, notadamente ignorou a política, não estamos politizando a educação. Ela sempre foi política. Ela sempre esteve a serviço da classe dominante”.

P.S.: O texto servirá como elemento reflexivo para os acadêmicos do Curso de Pedagogia da UNIFAP, na matéria Filosofia da Educação, ministrada pelo Sociólogo e Psicopedagogo João Nascimento Borges Filho, Docente efetivo desta IFES.



Prof. Borges

